

GRACILIANO RAMOS E OS ANIMAIS:

diálogos sobre a representação da fauna na obra
Vidas Secas

CATARINA DE OLIVEIRA BURITI*

JOSÉ OTÁVIO AGUIAR**

BREAD SOARES ESTEVAM ***

RESUMO

Estudos no campo da história ambiental e social procuraram esclarecer que, no decorrer de muitas gerações, elementos das relações entre determinadas culturas e os animais influenciaram nas percepções de mundo e de natureza historicamente tecidas e representadas nas diversas expressões humanas, tais como a arte, as literaturas variadas, inclusive a religiosa, e no campo das práticas discursivas e não discursivas. O objetivo deste trabalho consiste em analisar, na obra *Vidas Secas* (1938), imagens atribuídas aos animais do Semiárido brasileiro pelos diversos segmentos sociais representados e o modo como estes significados estiveram articulados com a cultura e o modo de vida dos sertanejos. A metáfora das aves de arribação representadas na obra assume particular relevância para discutirmos a migração dos sertanejos do Semiárido para outras regiões, prática comum na época da escrita do romance.

Palavras-chave: história ambiental; animais; literatura.

* Doutoranda em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Mestre em História pela mesma instituição. Integra a equipe técnica do Instituto Nacional do Semiárido (Insa), Unidade de Pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). E-mail: catburiti@hotmail.com

** Doutor em História e Culturas Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Pós-Doutor em História, Relações de Poder, Sociedade e Ambiente pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente é professor efetivo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/PB). E-mail: j.otavio.a@hotmail.com

*** Mestre em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG/RS). Bacharel em História pela mesma instituição, com qualificação complementar em Educação à Distância, Gestão Ambiental e Controle Ambiental Industrial. Pesquisador do Grupo História do Patrimônio Socioambiental da FURG. E-mail: bsestavam@yahoo.com.br

ABSTRACT

Studies in the field of environmental and social history sought to clarify that over many generations, elements of the relationship between certain crops and animals influenced the perceptions of the world and nature and represented historically woven into the various human expressions such as art, literature varied, including religious, and in the field of discursive and non-discursive practices. The objective of this work is to analyze the work *Barren Lives* (1938) images assigned to the animals of the Brazilian semiarid region represented by the various social segments and how these meanings were articulated with the culture and way of life of backland. The metaphor of migratory birds depicted in the work is particularly relevant to discuss the migration of the semi-arid backlands to other regions, common practice at the time of writing the novel.

Keywords: environmental history; animals; literature.

Introdução

Dtexto que se dá a ler nas páginas que se seguem explora as representações historicamente construídas sobre os animais não humanos no Semiárido brasileiro, representados nas cartografias imaginárias da literatura regional do Nordeste dos anos 1930. Estes animais foram tema e elementos de práticas discursivas e não discursivas para cuja tessitura de caráter documental/literário procuramos atentar. Desejamos, em princípio, abordar a construção de sensibilidades humanas para a relação para com os seres da natureza, não a partir das genericidades arquetípicas comuns que caracterizam certas visões tradicionais sobre o tema, mas, antes, das especificidades constituídas enquanto literatura historicamente produzida e atenta a elementos culturais filtrados, naturalmente, pela pluridentitária individualidade do escritor.

Para encetar esta tarefa, recortamos um livro como janela/paradigma para as sensibilidades construídas na relação entre os sujeitos humanos e os seres/animais/natureza, o romance *Vidas Secas*, publicado em 1938. Tais relações são representadas na obra a partir da visão de vida e de mundo do autor Graciliano Ramos (1892-1953), um insuficientemente conhecido, embora, bastante estudado, literato alagoano.

De um modo geral, pode-se afirmar que a partir da domesticação de certas espécies de animais, ocorrida no período Neolítico, há cerca de dez mil anos, foram sendo construídas relações de controle, dominação e colaboração dos grupos humanos para com outras espécies¹. Alguns estudos no campo da história ambiental e social procuraram esclarecer que no decorrer de muitas gerações, elementos das relações entre determinadas culturas e os não humanos animais (domesticados ou não) acabaram influenciando nas percepções de mundo e de natureza historicamente tecidas ao longo do tempo e representadas nas diversas expressões humanas, tais como a arte, as literaturas variadas, inclusive a religiosa, e no campo das práticas discursivas e não discursivas.

No ocidente, o tema do tratamento dispensado aos animais no universo das relações comuns humanas, mereceu obras clássicas elaboradas por historiadores, como Keith Thomas e Edward Palmer Thompson, dentre outros. Em *O Homem e o Mundo Natural*, Thomas (1983)² investigou as atitudes e posturas intelectuais inglesas em relação aos animais e às plantas entre os séculos XVI e XIX. Por sua vez, em seu livro *Senhores e Caçadores*, Thompson (1997)³ estudou as relações entre natureza, história social e hábitos de caça na transição das lutas pela propriedade da terra e seus recursos naturais na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX.

De fato, as relações de poder, o antropocentrismo, a percepção de sobrepujança e do domínio humano sobre os outros seres vivos, acerca do qual escreveu Thomas (op. cit.), provavelmente sejam algumas das grandes motivações para que a captura e o abate ilegal de

1 Concordamos aqui com Simon Schama (1945-), segundo o qual as relações entre os seres humanos e organismos de outras espécies nem sempre são de pura exploração, embora, com muita frequência o sejam. Todavia, essa provável relação de colaboração mútua, por mais harmônica que possa parecer, ainda pode ser encarada por alguns sob a perspectiva da relação ecológica escravagista, na qual um ser se aproveita das atividades, do trabalho ou de produtos elaborados por outros seres vivos.

2 Cf. THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

3 THOMPSON, Edward Palmer. *Senhores e Caçadores - A origem da Lei Negra*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

animais ainda exercem atração e fascínio sobre pessoas das mais diferentes origens e culturas.

É fato que a recorrência de atividades de caça no Semiárido brasileiro foi historicamente motivada por questões de subsistência, em função da importância nutricional das carnes provenientes de animais selvagens como fonte de proteína para as populações humanas (SMITH, 1976; AYRES; AYRES, 1979; MARTINS, 1993; CALOURO, 1995⁴; EMÍDIO-SILVA, 1998⁵). Ainda além, diversos animais foram, e continuam sendo, amplamente utilizados para as mais diversas finalidades e outros ainda são mantidos como animais de estimação⁶ (ALVES et al., 2007⁷; ALVES et al., 2009⁸; ALVES et al., 2011⁹; BARBOSA et al., 2010¹⁰; BARBOSA et al., 2011¹¹; NOBREGA et al., 2011¹²; BARBOSA; AGUIAR, 2012b¹³). Não se pode negar, entretanto que, o avanço das políticas públicas, as mudanças nos hábitos de vida das populações rurais, o emprego formal, a injeção financeira e o acesso facilitado aos bens de consumo, dentre outros fatores (BALSADI, 2001¹⁴), podem ter alterado significativamente essa relação histórico-social de necessidade de exploração, sobretudo alimentar, mas também econômica, dos recursos faunísticos por diversas populações rurais atuais.

Nosso esforço neste artigo se inspira nas conclusões de Thomas (op. cit.) para com as matrizes do pensamento literário e religioso inglês ao longo da Idade Moderna. Percebendo que esta busca de compreensão ainda não foi encetada no Brasil, pretendemos começar por lançar nossa pergunta a partir da análise de fragmentos/vestigios para a percepção dos elementos constitutivos da cultura do Semiárido brasileiro para com os animais não humanos. Para tal mister, a literatura de Graciliano nos parece paradigmática.

No próximo item, iremos identificar fragmentos literários de Vidas Secas que consideramos significativos no que diz respeito à forma como os animais do Semiárido foram representados na literatura e como essas conotações se relacionam com o imaginário social

4 Cf. CALOURO, Armando Muniz. *Caça de subsistência: sustentabilidade e padrões de uso entre seringueiros ribeirinhos e não ribeirinhos do Estado do Acre*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília. 1995.

5 Cf. EMÍDIO-SILVA, Cláudio. *A caça de subsistência praticada pelos índios Parakanã (sudeste do Pará): características e sustentabilidade*. Dissertação de Mestrado. Museu Paraense Emílio Goeldi e Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Belém, 1998.

6 'Animal de estimação' é o termo utilizado para traduzir 'pets' do inglês (Dicionário Michaelis), podendo-se utilizar como sinônimo do termo 'animal de companhia'. Tomamos como animais de estimação diversas espécies que apresentam condições de conviver no ambiente familiar. Em populações indígenas tradicionais brasileiras, o hábito de relacionar-se e, de certa forma, conviver e interagir com animais dos mais diversos tipos parece ser uma constante tendência de comportamento, embora muito diferente em suas manifestações em diversas etnias, que pode ter influenciado a forma como hoje nos apropriamos dos animais.

7 Cf. ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega; ROSA, Irecê Maria de Lucena.; SANTANA Gindomar Gomes. The Role of Animal-derived Remedies as Complementary Medicine in Brazil. *BioScience*. v. 57, 2007. p. 949-955

8 Cf. ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega; MENDONÇA, Lívia Emanuelle Tavares; CONFESSOR, Maine Virgínea Alves; VIEIRA, Washington Luiz da Silva; LOPEZ, Luiz Carlos Serrano. Hunting strategies used in the semi-arid region of northeastern Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*. v. 5, n. 12, 2009. p. 1-16

9 Cf. ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega; BARBOSA, José Aécio Alves.; SANTOS, Silene Lima Dourado Ximenes; SOUTO, Wedson de Medeiros Silva; BARBOZA, Raynner Rilke Duarte Animal-based remedies as complementary medicines in the semi-arid region of northeastern Brazil. *Evidence-Based Complement Altern Med*. 2011.

10 Cf. BARBOSA, José Aécio Alves; NOBREGA, Veruska Asevedo; ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega. Aspectos da caça e comércio ilegal da avifauna silvestre por populações tradicionais do semi-árido paraibano. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*. v. 10, n. 2, 2010, p. 39-49.

11 Cf. BARBOSA, José Aécio Alves; BARBOSA, Raynara Karenina Verissimo Correia. Percepção de moradores do semiárido paraibano sobre a diversidade e relevância da fauna em duas comunidades rurais. *BioTerra - Revista de Biologia e Ciências da Terra*. v.11, n. 1, 2011, p. 123-133

12 Cf. NOBREGA, Veruska Asevedo; BARBOSA, José Aécio Alves; ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega. Utilização de aves silvestres por moradores do município de Fagundes, Semiárido paraibano: uma abordagem etno-ornitológica. *Sitientibus série Ciências Biológicas*. v. 11, n. 2, 2011. p.165-175

13 Cf. BARBOSA, José Aécio Alves; AGUIAR, José Otávio. Utilização místico-tradicional da fauna no semiárido paraibano. *Revista Polêmica*. v. 11, n. 4, 2012. p. 642-649

14 Cf. BALSADI, Otávio Valentim. Mudanças no meio rural e os desafios para o desenvolvimento sustentável. *São Paulo em Perspectiva*. v. 15, n. 1, 2001. p. 155-165

da época em que o romance foi escrito. Neste cenário, o objetivo deste trabalho consiste em analisar as imagens atribuídas aos animais do Semiárido brasileiro pelos diversos segmentos sociais representados na obra *Vidas Secas* e o modo como esses significados estiveram articulados com a cultura e o modo de vida dos sertanejos, assim como pelo desejo de permanecerem ligados sob fortes laços de amor e apego à terra semiárida.

Para tanto, procuramos identificar de que forma o romance representa a interação do homem com os bichos, problematizando questões como apego à terra, relações sociais e ainda com debates que se encontravam na ordem do dia quando a obra foi escrita, em torno da forma como o Semiárido brasileiro era situado em relação a projetos de Nação em vigor no decorrer dos anos 1930. Desta forma, é possível analisar, por meio do romance, como as relações entre o homem e os animais do Semiárido se articulam com as representações elaboradas pelo sertanejo a respeito da Natureza e com as práticas de permanecer ou não vinculado à terra.

O romance *Vidas Secas* expressa a íntima relação que as personagens mantinham com os diversos animais do Semiárido. É o caso do gado que exercia papel fundamental na vida da família; seu significado remetia a fixação à terra, a oportunidade de ocupação e a garantia dos meios de subsistência. Durante a seca, a expectativa do vaqueiro era que a Caatinga ressuscitasse e a semente de gado voltasse a povoar o curral (RAMOS, p. 15), o que deixa entrever que a chegada das chuvas ao Semiárido pressupõe o retorno do gado e a possibilidade de relativa estabilidade para a família.

Outra referência importante à fauna na obra é a cachorra Baleia, considerada uma das integrantes da família. A narrativa humaniza a cachorra Baleia, atribui-lhe “sentimentos”, “responsabilidades”, frustrações, assim como vulnerabilidade também às consequências da seca, tal como ocorria com o ser humano. Ao lado da família de sertanejos, a cachorra venceu dificuldades, ultrapassando um longo período de seca marcado por intensa escassez e, com a chegada das chuvas, experimentava um período de relativa abundância, ao menos no que se refere ao suprimento de suas necessidades elementares de sobrevivência. Desse modo, animais domesticados, humanizados, como era o caso de Baleia, enfrentavam dificuldades com a família nos tempos de adversidades, mantinha com ela sentimentos e práticas de submissão, usufruindo, todavia, ao lado dela, das benesses dos períodos de relativa estabilidade no ambiente de Caatinga.

Há ainda a figura do papagaio, personagem da obra que se integrava ao cotidiano da família, experimentava com ela os momentos finais de uma seca no Semiárido, após percorrerem um longo caminho marcado pela fome, sede, cansaço, silêncio e infelicidade. O papagaio foi morto para servir de alimento à família em um momento de extrema necessidade e desespero. Com isto, na obra, a seca é associada, mediante a percepção das personagens migrantes, à ideia de um “desastre”, de “desgraça”, de “destruição”, sofrimento, temor, privação e abandono da terra, e os animais também eram partícipes destas situações.

Neste estudo procuramos detectar as significações imaginárias elaboradas pelas personagens de *Vidas Secas* a respeito dos animais. Dada a limitação do espaço desta publicação e a complexidade de significados que os diversos animais representados em *Vidas Secas*, para efeitos de recorte, selecionamos analisar as aves de arribação, de grande relevância para identificarmos aspectos da vida social-histórica e ambiental da região semiárida brasileira.

O Semiárido e os animais: imaginário social e cartografias topofílicas

O Semiárido brasileiro recebia conotações as mais variadas por parte das personagens de *Vidas Secas*. Tais representações, em geral, tendiam a variar de acordo com a estação climática vivenciada, no caso, se tratava-se de períodos de estiagens ou de chuvas na região. De forma similar, a relação dos homens com os animais não humanos representados no romance também era mediada pelo modo como estes últimos estavam associados ao clima da região, ou seja, às significações imaginárias atribuídas aos animais do Semiárido pelas personagens da obra, assim como as atitudes do homem em relação a eles, dependiam do modo como estavam relacionados ou representavam o período de estiagem ou de “inverno” naquele espaço. Nesta direção, se a forma como esse ambiente foi apropriado social e culturalmente fazia com que o período de estiagem fosse marcado pela fome, miséria, sofrimento, instabilidade e migração, os animais que sinalizavam para a chegada desta estação climática também eram significados em consonância com as imagens negativas a ela atribuídas; o inverso também ocorria em relação ao período chuvoso, que significava alegria, fartura, estabilidade e prosperidade.

No trecho a seguir, o vaqueiro Fabiano, personagem de *Vidas Secas*, expressa a sensação que tinha com a chegada das aves de arrição¹⁵ à região: “As bichas excomungadas eram a causa da seca. Se pudesse matá-las, a seca se extinguiria. Mexeu-se com violência, carregou a espingarda furiosamente. [...] Impossível dar cabo daquela praga.”¹⁶

Observa-se, nesta citação, que o protagonista do romance parece deixar explodir toda a sua revolta aparentemente contra as aves de arrição que revoavam aquele espaço da Caatinga em fins de um período chuvoso. Neste sentido, parece pertinente indagar, a princípio, sobre as razões pelas quais a personagem do romance expressava tanto ódio e revolta contra aquelas aves. Que significações imaginárias a sociedade do Semiárido brasileiro, representada em *Vidas Secas*, elaborou em relação àqueles pássaros que revoavam pela região em determinada época do ano? A que acontecimentos climáticos e culturais as arrições estavam associadas? Que relações se estabeleceram entre os homens e os animais no interior do Nordeste semiárido, conforme a obra *Vidas Secas*?

É preciso levar em conta que frequentemente os animais estiveram presentes em todos os momentos da história humana, agindo como sujeitos co-participantes da trama histórica. Segundo Worster¹⁷, as plantas e os animais têm sido, quase invariavelmente, aliados dos humanos na luta para sobreviver e prosperar, assim como têm desempenhado papéis específicos no cotidiano das sociedades. Deste modo, considerando a atual conjuntura em que a historiografia se volta de forma mais sistemática para o estudo das inter-relações entre sociedades e naturezas, não há como passar despercebida a análise das interações entre ser humano e outros animais, quando se trata de um estudo que se insere na vertente de

15 Ave de arrição ou avoante é uma pomba da Família *Columbidae*, Gênero *Zenaida*, Espécie *Zenaida auriculata*, que ocorre no Nordeste em períodos de chuvas. São centenas de avoantes em bandos nos céus que voam sem destino em busca de alimentos e um local para procriação. Os ninhos das avoantes são alvo de animais silvestres e caçadores que matam estes pássaros em grande quantidade para consumo e venda em feiras livres do Nordeste. No Nordeste, onde realiza migrações locais conforme as estiagens forma bandos de milhares de indivíduos durante migrações. Já representou uma importante fonte de alimentação para populações locais da região Nordeste do Brasil durante as estiagens. Cf. SANTIAGO, R. G. Pomba-de-bando (*Zenaida auriculata*) Guia Interativo de Aves Urbanas, 22 feb. 2007. Disponível em: <<http://www.ib.unicamp.br/lte/giau/visualizarMaterial.php?idMaterial=435>>

16 RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 70. Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1995. p. 113

17 WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991. p. 6

abordagem denominada história ambiental¹⁸.

Vale lembrar, contudo, que o nosso intuito não consiste meramente em estudar o modo pelo qual o homem, considerando-se um ser superior às demais espécies, destruiu as várias formas de vida animal, visando satisfazer suas necessidades, mas em identificar os significados culturais e simbólicos que as sociedades atribuíram aos animais em lugares e momentos específicos da história, mais precisamente, no Semiárido dos anos 1930. Indagamos sobre como esses animais foram imaginados e traduzidos por intermédio de valores humanos, como carregavam a marca da sociedade com a qual interagiam, procurando exercer uma prática historiadora que estuda a Natureza, mesclando-a à cultura e à história.

Diversos historiadores já se debruçaram sobre o estudo da presença dos animais na história, dentre os quais Alfred Crosby, autor da obra *Imperialismo ecológico*¹⁹. Para ele, os europeus, ao cruzarem os oceanos para alcançar novas terras, lograram êxito pela capacidade que seus animais, tanto os domesticados quanto os facilmente adaptáveis, tiveram em alterar o ambiente através da auto-reprodução. Os colonizadores que fundaram as primeiras colônias ultramarinas²⁰ precisavam convertê-las em algo mais parecido com a Europa e, neste sentido, os animais foram bem sucedidos em iniciar tal mudança. O sucesso destes foi, em termos gerais, o sucesso dos europeus. Para Crosby (1993, p. 155-156), caso os colonizadores tivessem conquistado o Novo Mundo e a Austrália dispendo da avançada tecnologia dos dias atuais, sem a presença dos animais, não teriam provocado uma mudança tão intensa quanto a que causaram desembarcando com cavalos, vacas, porcos, cabras, carneiros, asnos, galinhas, gatos e outros bichos. Pela capacidade de auto-reprodução destes animais, a eficiência e a velocidade com que puderam alterar o ambiente foram superiores às de qualquer máquina que o conhecimento humano tenha até hoje concebido.

É possível detectar, pela leitura da obra de Crosby, o papel biológico decisivo exercido por plantas e animais para que o processo de colonização europeia do Novo Mundo e da Austrália fosse bem sucedido. Estes animais agiram como fatores de influência fundamentais na construção do devir histórico nas colônias ultramarinas, construído em interação com os colonizadores recém-chegados e com os habitantes desses espaços. Tratava-se de uma nova forma que pactuava as relações entre homens e animais no ambiente das colônias do Império do Ultramar, baseado na adaptação, mas também na exploração e escravização das sociedades humanas para com os bichos.

Os olhares lançados para analisar as relações entre os homens e os animais do Semiárido, por meio das imagens configuradas em *Vidas Secas*, não se baseiam apenas na

18 No final dos anos 1970, momento em que se assistia, em todo o mundo, a um grande crescimento do interesse pela questão ecológica, um grupo de historiadores e biólogos dos Estados Unidos criou um domínio no campo dos estudos historiográficos e o designou pela expressão composta *environmental history*, ou história ambiental, cujo foco consiste no estudo da forma como sociedades e ambientes se inter-relacionaram em recortes temporais específicos. Consolidada nos EUA, a história ambiental vem se desenvolvendo progressivamente no Brasil há algumas décadas e tem-se constituído em uma importante área contributiva para a construção dos saberes ambientais. Cf. DUARTE, Regina Horta. *História & natureza*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2005; WORSTER, *op. cit.*; RIBEIRO, Ricardo Ferreira. *Florestas anãs do sertão: o cerrado na história de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005; SCHAMA, *op. cit.*

19 Cf. CROSBY, Alfred. *Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa*, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

20 O termo neo-europas é utilizado por Crosby (1993) para designar as colônias ultramarinas fundadas pelos europeus através da implantação de sua "biota portátil". Em outras palavras, o que esteve subjacente à revolução biológica das plantas e, principalmente, dos animais, foi a localização geográfica das neo-europas, situadas em zonas climáticas semelhantes às da Europa, o que para os organismos imigrantes europeus representou vantagem que não precisa ser reiterada.

ética da superioridade e da dominação humanas, sob o prisma da ideia judaico-cristã de que os animais existiam apenas para o usufruto do homem, seja para a labuta ou para a alimentação, concepção reforçada, a partir do século XVII, pela doutrina mecanicista cartesiana que considerava os animais como máquinas ou como seres desprovidos de sentido. Essa percepção degradou ainda mais os bichos em contraste com os seres humanos e aprofundou o abismo entre o ser humano e os animais (THOMAS, op. cit., p. 18). Segundo Thomas (1988, p. 19), “é impossível desemaranhar o que as pessoas pensavam no passado sobre as plantas e os animais daquilo que elas pensavam sobre si mesmas”. Neste sentido, ao refletirmos sobre a forma como os animais do Semiárido foram representados em *Vidas Secas*, estamos acionando algumas manifestações do imaginário social da época em que este romance foi escrito.

Quando a personagem Fabiano chorava pelo gado e pelos animais feridos que deixou para trás ao abandonar a fazenda, por certo levava em conta que a sua função era permanecer trabalhando na fazenda, cuidando dos bichos, servindo ao patrão, pois acreditava que era sua sina, que foi para isso que havia nascido e não conseguia conceber sua vida sem a convivência com aqueles bichos com os quais se identificava, até mesmo, mais do que com muitos sujeitos da sua própria espécie. Neste ponto, vale ressaltar os fatores que contribuíram, em *Vidas Secas*, para Fabiano se autoperceber como um bicho, o que remete às condições subumanas nas quais vivia. Isto porque não obstante a referida personagem apareça como um homem, poucas vezes ela assim se autorreconhecia, preferindo considerar-se semelhante a um animal, a um bicho da fazenda, tamanho era seu grau de inferioridade em relação aos demais sujeitos que detinham a posse da terra e das demais riquezas e, por conseguinte, usufruíam do poder de dominá-lo e de humilhá-lo. Tal visão é paradigmática da postura político-ideológica e da contundência da crítica do escritor Graciliano Ramos ao modelo de sociedade capitalista que predominava nas relações sociais do meio rural da época, conforme veremos adiante.

Além disto, é importante salientar que esse ideal do predomínio humano sobre os outros seres, cujas bases se encontram na religião ocidental e foi corroborada com as propostas de Descartes no século XVII, também repercutiu no relacionamento dos homens entre si e não somente no modo como tratavam os animais e os demais elementos que compunham o mundo natural. Com efeito, para Thomas (1988, p. 53-56), o trato de rebanhos de animais domésticos permitiu a emergência de uma concepção política como espaço da intervenção e da técnica humanas e o domínio do ser humano sobre os demais seres da Natureza forneceu a analogia mental em que se basearam vários arranjos políticos e sociais, de modo que alguns sujeitos passaram a ser percebidos como úteis, que deveriam ser refreados, domesticados, tornados dóceis e fiéis ao seu senhor.

A análise da analogia de Fabiano com os animais, abordada em *Vidas Secas*, pode demonstrar não apenas aspectos do imaginário da época relacionados com a fauna do Semiárido, mas fornece-nos também as bases para perceber como se estabeleciam as relações entre os próprios seres humanos naquela sociedade, em geral, perpassadas por profundas desigualdades sociais e de exploração econômica por parte de um grupo privilegiado, a saber, o dos grandes senhores de terras da região. Uma vez que o vaqueiro se autopercebia como bicho, supostamente vivendo sob uma condição animal, legitimava os maus-tratos, a espoliação econômica, a miséria, a pobreza e as humilhações que caracterizavam seu cotidiano naquele espaço. Basta observar que era por assumir esta identidade de “bruto”, de animal da Caatinga, que Fabiano se resignava diante das tantas “descomposturas” do patrão.

Para Luiz Costa Lima²¹, nas obras de Graciliano o homem é identificado a um bicho como um dos caminhos possíveis contra a reificação ou o quantitativismo extremado dos poderosos proprietários de terras do Semiárido que as ambienta. Deste modo, segundo o crítico, a reificação cede lugar a zoomorfização como uma estranha forma de retratar uma alienação que resta mais próxima do humano que a coisificante. Aspecto a explicar o porquê do orgulho de Fabiano ao assumir aquela identidade de bicho, de um animal a agir criativa e astutamente para vencer as dificuldades surgidas quando o ambiente se lhe mostrara adverso; as personagens não eram meros objetos inanimados como pretendia certo sistema social, mas capazes de se adaptarem biológica e culturalmente às especificidades do ambiente.

Fazendo parte de um sistema de relações sociais de poder assimétricas e hierárquicas que pretendia reificar o ser humano pobre e também a própria Natureza, Fabiano se sentia um bicho, um animal do Semiárido, por não aceitar esta condição de coisificação que o sistema social adverso tentava lhe impor, visto que agia criativamente para superar o desafio de readaptar-se às limitações impostas pelo seu habitat. Por outro lado, pode-se conjecturar que a identificação do vaqueiro com os elementos da fauna e/ou da flora regionais atua talvez como uma forma simbólica, metafórica e imaginária de trazer à lume que em certos momentos do cotidiano as interações entre o homem pobre e esses organismos vivos se tornavam mais viáveis do que entre os seres da sua própria espécie.

Isto porque, em se tratando de um sistema de relações de poder e de mando legitimado para uma pequena elite política e econômica privilegiada, e marcado por extremas desigualdades sociais e espoliação econômica que limitavam as trocas humanas, o homem pobre, sem instrução formal, destituído de posses e do poder de decisão política, dependia da Natureza para garantir sua sobrevivência, estabelecendo com ela íntimas relações. Daí o motivo pelo qual, nos períodos de estiagens, quando a Natureza semiárida limitava seus recursos disponíveis, a alternativa que restava a esses sertanejos era migrar do Semiárido. Deste modo, considerando-se as relações do homem com o ambiente como constituídas de maneira indissociável das relações dos homens entre si, entendemos que não há como estudar as interações entre a sociedade e o Semiárido sem levar em conta o modo como se estabeleciam as relações entre os próprios seres humanos no interior de determinados esquemas de significação.

Fazemos referência também, aqui, à apreciação feita por Gilberto Freyre em relação à presença dos animais na configuração da “civilização do açúcar”, no Litoral nordestino. A obra *Nordeste*²² consiste em uma análise de ecologia social por meio da qual o sociólogo procurou sensibilizar os brasileiros para a degradação do ambiente. Nota-se que Natureza e cultura se entrecruzam no trabalho de Freyre (1985), quando busca realçar a forma como o privilégio da cultura de uma única espécie, a saber, da cana-de-açúcar, alterou profundamente o ambiente do Nordeste litorâneo e forjou relações de exploração do homem com a terra, com a água, com a mata, com os animais e inclusive com os seres da sua própria espécie.

Os animais foram pensados por Freyre, no estudo supracitado, a partir de sua relação com os diversos segmentos da sociedade canavieira, como é o caso dos dois principais animais da “civilização” da cana de açúcar no Nordeste do Brasil: o cavalo e o boi. O primeiro

21 COSTA LIMA, Luiz. Reificação e Natureza. In: *Por que literatura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1969. (Coleção Nosso Tempo, v. 2). p. p. 55-57

22 FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influencia da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Recife, PE: FUNDARPE, 1985 [1937]. (Coleção documentos brasileiros, v. 4).

era, segundo o autor, um animal por excelência aristocrático, cuja função consistia em estar a serviço dos defensores da Ordem sobre a massa, ou seja, estava associada à autoridade e ao domínio por parte dos senhores de engenho em relação às terras e aos moradores, tornando-se uma nota imperial na paisagem do Nordeste litorâneo; quanto ao segundo, por sua vez, acredita ter sido o animal mais útil ao sistema econômico baseado na monocultura latifundiária e escravocrata, aliado fiel do escravo africano no trabalho agrícola, na rotina da lavoura da cana, na própria indústria do açúcar, que possuía uma estranha capacidade para suportar o sofrimento e para servir ao homem. Ambos – o boi e o escravo negro – é que formaram o alicerce vivo da chamada civilização do açúcar. Neste sentido, a imagem do aristocrata é ligada ao cavalo, enquanto a do escravo negro é associada ao boi de carga (FREYRE, 1985, p. 74).

Neste cenário, é possível perceber como esses animais expressavam a cultura da sociedade canavieira da época, como eram significados/imaginados pelos diversos segmentos que a compunham, assim como o modo pelo qual os variados grupos sociais atribuíam valores humanos aos animais, como é o caso do exemplo acima, que nos leva a considerar que assim como havia uma sociedade estratificada, hierarquizada na Zona da Mata de Pernambuco estudada na obra de Freyre, os próprios bichos também assim eram representados.

No caso das aves de arribações representadas em *Vidas Secas*, é possível conjecturar que Fabiano e sua esposa sinha Vitória as conotavam negativamente por sinalizarem para o início de mais um período de estiagem no Semiárido. Isto ocorria justamente em razão do modo como este ambiente foi apropriado historicamente e culturalmente, conforme mencionamos acima, sem haver a devida valorização das potencialidades dos seus recursos naturais disponíveis, a estiagem costumava ser associada ao sofrimento, à fome, a dor e à miséria da maioria da população.

“O mundo coberto de penas”: migração de aves e seres humanos do Semiárido

Fabiano representava o grupo dos trabalhadores pobres que não possuíam terras para trabalhar, frequentemente submetido às mais diversas formas de humilhação e de exploração e a esperar nas chuvas a possibilidade de vivenciar um período de relativa abundância, fartura, estabilidade e permanência no espaço com o qual havia criado raízes. A presença das arribações naquele ambiente era, todavia, indício de que a suposta “desgraça”, no caso, a estiagem, chegaria em breve e mais uma vez deveriam migrar daquele espaço em busca de outro lugar onde pudessem recomeçar a vida, aspecto a nos permitir compreender o que aquelas aves representavam na sociedade do Semiárido configurada em *Vidas Secas*, assim como o comportamento dos protagonistas da obra em relação a elas.

Todo o sentimento de indignação de Fabiano contra os bandos de arribações que passavam pela fazenda e, de imediato, “seguiram viagem para o sul” (RAMOS, op. cit., p. 108), está relacionado com a decepção daquela família por constatar que mais uma vez precisaria migrar por ocasião da chegada da estiagem, arribar como aquelas aves em busca de melhores condições de sobrevivência. Neste ponto, nota-se uma importante variável a permear a narrativa do romance: o sentimento de apego ao ambiente semiárido, a forma como as personagens se mostravam ligadas ou presas à terra, estabelecendo com ela fortes

laços de topofilia, de amor ao lugar onde viviam²³. Assim, a revolta de Fabiano e de sinha Vitória contra as aves de arribação, na realidade, era a desilusão ante a certeza de não mais poderem permanecer naquele chão sobre o qual já haviam fincado raízes; a convicção de que em breve precisariam, semelhante àquelas aves de arribação, partirem de sua terra levando sentimentos de tristeza e saudades.

Na “brancura” de uma ensolarada manhã de “Outono”, surpreendidos com aquela multidão de pontilhados a animar a serena paisagem sertaneja, Fabiano e sinha Vitória, personagens de *Vidas Secas*, logo perceberam no ambiente os sinais de que provavelmente não ficariam naquela terra por muito tempo:

O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo. Vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o sul. O casal agoniado sonhava desgraças. O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado. (RAMOS, op. cit., p. 108)

O trecho acima faz referência à passagem das aves de arribação pelo Semiárido às vésperas de mais um período de estiagem. Em razão da mudança de estação, por constatarem que “em redor não havia comida” e a escassez de suprimentos no ambiente logo se intensificaria, estes pássaros resolveram alçar voos em busca de um lugar mais seguro onde pudessem tecer seus ninhos. A partir do aparecimento destas aves na fazenda, Fabiano e sinha Vitória constatarem que certamente “não permaneceriam ali muito tempo”, concluíram que a presença súbita daqueles pássaros era um “mal sinal”, um indício de que “provavelmente o sertão ia pegar fogo”. Para as personagens, aquelas “excomungadas” prenunciavam “desgraças”, “desânimo”, “agonia” e “desassossego”. Feito então o prognóstico sob aqueles resolutos raios de sol a aquecer as terras do sertão e decifrado os sintomas que a Natureza exprimia, passaram a conjecturar misérias (Ibidem, p. 109; 118).

A citação acima deixa entrever, pela descrição do modo como o homem do Semiárido atribuía sentido às aves de arribação, como elas eram significadas consoante os aspectos da cultura, do cotidiano e do modo de vida destes sertanejos. Se o “sertão ia pegar fogo”, ou seja, se mais uma vez a estiagem chegaria à região para supostamente provocar histórias devastadoras de fome e miséria, então os sentimentos de medo e de tristeza já eram vivenciados antecipadamente por aquelas personagens do romance ao interpretarem os sinais da Natureza. As aves de arribação prenunciavam tempos de instabilidade, de insegurança, de migração, que os sertanejos, apesar de já apegados àquela terra, teriam que deixá-la e partirem em busca de melhores condições para tecerem seus ninhos, sustentarem

23 Compreende-se por topofilia todas as manifestações do amor humano pelo lugar. A palavra topofilia (*topo* = lugar, *filia* = familiaridade) é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Cf. TUAN, Yu-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980. p. 106-107. O sentimento topofílico é complexo, sendo marcado por amplitude, variedade e intensidade distintos. Em sentido inverso, Almeida (2008) realça que o homem também pode perceber o ambiente com sentimentos negativos, o que é denominado de topofobia (*topo* = lugar, *fobia* = aversão). Cf. ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira. Homem, animal e espaço numa visão ecocrítica em Graciliano Ramos. In: ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira; AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta. (Orgs.) *Espaço interdisciplinar: literatura, meio ambiente e relações sociais*. Recife, PE: Baraúna, 2008.

e educarem seus filhos, garantirem sua subsistência. Isto porque a presença desses pássaros era o indício de que os tempos do “inverno” com sua relativa fartura de água e alimentos já haviam passado, e em pouco aquela família de sertanejos, assim como fizeram as arribações, perceberia que “em redor não havia comida” e resolveria seguir viagem para o sul.

A leitura dos fragmentos literários acima destacados oferece uma variada gama de representações acerca da relação entre ser humano, animais e Natureza no Semiárido, sendo também portadora de aspectos do imaginário social específico ao decênio de 1930, a informar a respeito do presente da sociedade na qual a obra foi tecida. De acordo com a narrativa, se os sertanejos não partissem em busca de outros territórios, iriam “ser comidos pelas arribações” (Ibidem, p. 113), aquelas aves “excomungadas” que não apenas matariam o gado, mas também os próprios seres humanos que habitavam aquele lugar. A intensidade de tal metáfora pode ser traduzida por meio da noção de que se aquelas aves simbolizavam a chegada da estiagem, período marcado por problemas como fome, morte e epidemias no Semiárido, em razão da maneira como esse ambiente foi apropriado imaginária e culturalmente, então, por esta razão, segundo a narrativa, as arribações matariam o gado e as populações deste espaço.

A pomba de arribação, conhecida pelo homem comum do Semiárido, econômico em suas palavras, simplesmente como “ribaçã”, destaca-se em importância no conjunto da avifauna regional. De ocorrência periódica, chegam em bandos migratórios e formam os conhecidos pombais, colônias para reprodução no espaço das Caatingas. Até a década de 1960, era considerada uma das aves mais abundantes do Nordeste do Brasil e serviam de alimento para os sertanejos pobres da região, como era o caso da família de Fabiano, conforme a narrativa de *Vidas Secas*:

A largou o passo, desceu a ladeira, pisou a terra de aluvião, aproximou-se do bebedouro. Havia um bater doido de asas por cima da poça de água preta, a garrancheira do mulungu estava completamente invisível. Pestes. Quando elas desciam do sertão, acabava-se tudo. O gado ia finir-se, até os espinhos secariam.[...] Fabiano sentou-se desanimado na ribanceira do bebedouro, carregou lentamente a espingarda com chumbo miúdo e não socou a bucha, para a carga espalhar-se e alcançar muitos inimigos. Novo tiro, novas quedas, mas isto não deu nenhum prazer a Fabiano. Tinha ali comida para dois ou três dias; se possuísse munição, teria comida para semanas e meses. [Grifos nossos] (p. 110)

A quantidade de aves que se achegavam à fazenda parecia não ter fim. O discurso indireto livre da narrativa demonstra que Fabiano estava certo de que quando aquelas “pestes” revoavam aos bandos da Caatinga “acabava-se tudo”, os animais “iam finir-se, até os espinhos secariam”, os próprios seres humanos também seriam incluídos neste rol de devastação, caso não partissem daquele lugar. Fabiano destruía aqueles pássaros, considerando-os como “inimigos”, “pestes”, apenas por coincidirem com a chegada do período da estiagem. Neste sentido, homem, animais e ambiente interagem na narrativa, suas vivências se entrecruzam, configurando na obra literária em análise percepções, fragmentos e manifestações do imaginário social do Semiárido da época. A sensação de Fabiano de que aqueles pássaros

trariam a destruição para o Semiárido certamente era influenciada pelas camadas de memória atualizadas a evocarem o sofrimento, a miséria e a fome que, no passado, marcaram a vida e a paisagem sertanejas durante longas estações de estiagens.

Neste ponto, nota-se que embora as arribações estivessem cumprindo um ciclo que lhes era natural, a saber, a prática da migração sazonal, o homem a significava negativamente por considerar que eram elas que traziam a estiagem e a devastação econômica e biológica para o Semiárido. Daí uma das razões pela qual Fabiano tentava combatê-las, pôr fim a todas elas, pois embora percebesse que eram inúmeras e não daria conta de destruí-las, tinha a sensação de que se as matasse possivelmente a estiagem demoraria mais a chegar e ele permaneceria por mais tempo com a família na fazenda. Entretanto, a coincidência da passagem destes pássaros por aquele espaço de Caatinga com o início do período da estiagem tem feito com que estejam vulneráveis à caça indiscriminada, que não se restringe apenas à alimentação pelos sertanejos pobres, mas hoje representam o pássaro mais exterminado pela caça comercial, apesar de certo controle exercido pelo IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis²⁴.

Conforme o trecho acima, Fabiano atirava naquelas arribações com o objetivo de alimentar-se delas, mas principalmente por conta daquele “medonho rumor de asas a anunciar destruição” (RAMOS, op. cit., p. 112), porque “não se distinguem da seca” (Ibidem, p. 114). Neste caso, segundo a metáfora utilizada pelo narrador de *Vidas Secas*, preferia comê-las com a família, visto que se não as comessem, “iam ser comidos pelas arribações” (Ibidem, p. 113). Em *Vidas Secas*, a caça às aves era feita não com objetivos comerciais, mas com a finalidade de a família alimentar-se das arribações, já que prenunciavam o início de mais um período de estiagem. Contudo, evocando Morris²⁵, devemos questionar o que os animais representaram em certa sociedade durante um período específico, assim como que comportamentos tais representações suscitaram em relação a eles. No caso das aves de arribações, percebemos que embora elas apenas cumprissem uma prática que lhes era natural, a da migração, o homem do Semiárido temeroso com a proximidade da chegada da estiagem, passou a representá-las como parte da chegada deste fenômeno, o que o instigava a assumir atitudes e comportamentos de destruição e morte em relação àquelas aves.

As significações imaginárias atribuídas pelas personagens de *Vidas Secas* às aves com as quais interagem estão em consonância com as proposições de Baczko²⁶, ao afirmar que todas as épocas possuem modalidades específicas de imaginar, reproduzir e renovar o imaginário. Por esta razão, é necessário valorizar “o peso do imaginário sobre as práticas coletivas”, haja vista que “as ações são guiadas pelas representações; modelam os comportamentos; mobilizam as energias; legitimam as violências”. Os sistemas simbólicos por meio dos quais opera o imaginário “são constituídos a partir da experiência dos agentes sociais, mas também a partir dos seus desejos, aspirações e motivações”. Com efeito, “qualquer campo de experiências sociais está rodeado por um horizonte de expectativas e de recusas, de temores e de esperanças”.

Neste sentido, a experiência de relacionar-se com as arribações é guiada pelo

24 Cf. PAIVA, Melquíades Pinto; CAMPOS, Eduardo. *Fauna do Nordeste do Brasil: conhecimento científico e popular*. Fortaleza, CE: Banco do Nordeste do Brasil, 1995.

25 MORRIS, Desmond. *O contrato animal*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

26 BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi: Antropus-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985. (Vol. 5). p. 311

imaginário que as personagens de *Vidas Secas* elaboraram em relação àquelas aves, que se constituíam em um (mal) sinal por prenunciarem a chegada da seca e de todo o corolário a ela associado. Daí a razão pela qual a sociedade do Semiárido brasileiro representada nesta obra literária considerava as arribações como “excomungadas”, “miseráveis”, “pestes”, “inimigas”, tecendo um rendilhado de conotações negativas elaboradas naquele espaço. Eram percebidas deste modo porque a experiência cultural dos sertanejos os levava a decifrar de imediato o significado daquele espetáculo. O ritual anunciava que era chegado o tempo do vaqueiro “fugir de novo, aboletar-se noutra lugar, recomeçar a vida”. Deste modo, involuntariamente, as aves eram portadoras do lamentável prenúncio de que em breve a família seria expelida da terra na qual estava enraizada; seria retirada de um cotidiano de relativa prosperidade e permanência, como figurava o ambiente da fazenda, e mais uma vez sairiam a perambular pelos caminhos do sertão, na busca de redutos de felicidade.

A metáfora das aves de arribação cartografada na obra assume particular relevância para discutirmos a migração dos sertanejos do Semiárido para outras regiões. Isso porque, parecia que ao compasso das revoadas daqueles pássaros, o ser humano também migrava periodicamente com destinos variados e, por vezes, incertos, arquetizando o sonho de encontrar um lugar mais favorável à sua sobrevivência. Assim como aqueles seres alados deixavam o ninho laboriosamente construído nas terras de Caatinga, os moradores do Semiárido, nos períodos de estiagens, forçosamente, tinham que deixar o lugar onde viviam, em razão da escassez que enfrentavam.

Uma das possibilidades de interpretação da expressão o “mundo coberto de penas”, utilizada pela voz narrativa de *Vidas Secas* remete-nos à ideia de que tanto homens quanto pássaros, com a chegada da estiagem, alçariam voos em busca da liberdade, deixando apenas suas “penas”, seus rastros e suas marcas impressos na paisagem sertaneja. Neste caso, para além de buscarmos reduzir o texto histórico ao literário, não há como desvencilharmos o papel político e ético de Graciliano Ramos, dentre muitos outros intelectuais da época, exercido durante o Estado Novo, dos temas relatados nesta narrativa. O estudo de alguns aspectos de sua biografia poderá nos esclarecer as nuances que permearam a configuração do romance. Isto porque buscou conciliar o seu ofício de literato com o de homem público que ocupou cargos oficiais do Estado, além de militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), defendendo a possibilidade de criação estética impregnada por uma perspectiva histórica e uma concepção de arte que deveria buscar subsídios e inspiração no mundo vivo²⁷.

No caso do romance regional, Graciliano o concebia enquanto um valioso instrumento para fazer conhecer a realidade particular vivida pelos homens e mulheres pobres desta região e para tecer histórias que muitos se aborreciam em saber que elas denunciavam uma realidade. Contudo, nesse ponto, vale lembrar que embora esse escritor tivesse as suas raízes culturais referenciadas no Nordeste e os seus temas versassem muitas vezes sobre as paisagens naturais e sociais dessa região, não se projetavam apenas para questões limitadas às premissas regionais. Isso porque sua militância à frente do Partido Comunista o fazia defender princípios universais, buscava uma dimensão ampliada do ser social, que deveria humanizar-se nas suas relações de sociabilidade; a visão libertária defendida por Graciliano o levava a identificar opressores nas elites e oprimidos entre os trabalhadores, os populares, as categorias sociais que estavam à margem do poder exercido pelas elites políticas e econômicas,

27 FERNANDES, Telma Dias. História e literatura: Graciliano Ramos e a história. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGH/UFPE. Recife-PE, 1998. p. 30-34

e isto, referindo-se não apenas ao Semiárido brasileiro.

Neste sentido, a expressão “o mundo coberto de penas” utilizada na narrativa de *Vidas Secas* nos remete à ideia de que a família de sertanejos protagonista da obra migrava, assim como as aves de arribação, em busca da liberdade, da cidadania, da construção de novos projetos de felicidade em outras regiões do Brasil que não no Semiárido rural. Considerando a trajetória de Graciliano Ramos enquanto literato, homem público e militante do Partido Comunista, é possível interpretar este romance como um esforço de denúncia da condição a que foi reduzido o trabalhador do Semiárido brasileiro, oprimido pela brutalidade das relações sociais e subjugado ao mandonismo característico do Semiárido da época.

Não obstante o fracasso de algumas propostas do PCB, ao longo dos anos 1930, Graciliano Ramos ainda expressava certo otimismo em relação à possibilidade de mudança da social. O narrador de *Vidas Secas* demonstra que na época em que o casal de sertanejos buscava em outra região segurança para educar seus filhos, a industrialização florescia no Sudeste do país, daí a razão pela qual parecia haver um investimento de esperanças por dias melhores por parte do escritor em torno do processo de urbanização e consolidação do parque industrial brasileiro na região Sudeste, visto que, no romance, as personagens migraram para o “sul”, que passava por todo esse conjunto de transformações econômicas e tecnológicas na época, talvez percebido pelo narrador como uma etapa necessária para atingir o tempo futuro, no qual supostamente predominaria a igualdade e a liberdade entre os homens. O trecho a seguir deixa entrever a renovação dos sonhos e projetos de felicidade das personagens do romance no momento em que fugiram da fazenda:

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos freqüentariam escolas, seriam diferentes deles. Sinha Vitória esquentava-se. Fabiano ria, tinha desejo de esfregar as mãos agarradas à boca do saco e à coronha da espingarda de pederneira (Ibidem, p. 126).

Esta passagem faz referência ao novo projeto de vida que aos poucos se esboçava quando aquela família de sertanejos deixou a fazenda e migrou para o sul em busca de uma cidade “desconhecida e civilizada”, onde vislumbravam horizontes distintos para o futuro dos filhos. Isto era importante por que, até então, enquanto moravam na fazenda, submetidos às ordens do patrão, consideravam que seria “indispensável os meninos entrarem no bom caminho, ou seja, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus” (Ibidem, p. 24). Ou ainda, se levamos em conta a percepção de sinha Vitória que “dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo” (Ibidem, p. 38).

Nota-se que o “horizonte acanhado” que os sertanejos almejavam para os seus filhos enquanto permaneciam na fazenda, baseado em uma educação voltada simplesmente para reproduzir a condição de imobilidade social dos pais – simbolizada também pela cama de varas e pelo sonho cada vez mais distante de sinha Vitória dormir em uma cama de lastro de

couro, símbolo da permanência e fixação a um lugar – contrasta-se com o projeto de uma “vida nova” que se ia esboçando quando a família migrava em busca de outro lugar para viver no Sul. Quando alcançassem essa “terra desconhecida”, acreditavam que “os meninos frequentariam escolas, seriam diferentes deles”, ou seja, havia a expectativa de que houvesse essa abertura para a possibilidade de ascensão social de seus filhos. Neste sentido, na visão do narrador de *Vidas Secas*, um conjunto de sonhos, aspirações, expectativas movia aquelas personagens e as motivava a buscar novas cartografias do desejo e da felicidade.

Por meio do entrecruzamento entre animais, ambiente e história é possível notar como as atitudes e os significados atribuídos aos primeiros eram permeados pelo sentimento de apego ao lugar, de amor à terra, pelo desejo de permanecer ali fixado, sem necessidade de revoar durante a estiagem. Todavia, assim como as aves de arribação alçavam voos em busca de fartura e abundância de suprimentos e recursos que garantissem sua sobrevivência e dos seus filhotes, a percepção artística politicamente engajada de Graciliano Ramos construiu o esboço de uma “nova vida” para os sertanejos que migravam para o sul, desta vez com possível direito ao acesso à educação, ao trabalho, à liberdade e à dignidade humana.

Certamente, a forma como finaliza a obra aponta para direções utópicas de um militante do PCB que acreditava em um mundo passível de transformação, de mudança de vida para aqueles que há muito permaneciam à margem dos projetos de nacionalidade. Todavia, nosso objetivo, com este trabalho, não consistiu em analisar até que ponto as ideias contidas na obra literária estudada esteve em consonância com a realidade da época em que foi escrita, antes, o que nos interessou foi captar a energia social da época, a sintonia fina de um tempo, as condições históricas de possibilidades que condicionaram Graciliano Ramos a construir neste romance projetos de felicidade para o ser humano do Semiárido brasileiro.

Considerações finais

Poderíamos ainda identificar muitos animais que fizeram parte do cotidiano dos sertanejos representados em *Vidas Secas*, como é o caso da cachorra Baleia, do gado, do cavalo, dos urubus, do tatu, entre outros, cuja significação e imaginário também se encontram diretamente associados ao cenário sociocultural e histórico do Semiárido brasileiro. No entanto, em razão dos limites desta publicação, priorizamos apresentar e discutir apenas a metáfora das aves de arribação e o papel que representaram no cotidiano e na história dos personagens do romance. Esta análise nos forneceu importantes subsídios para discutir as relações que o homem mantinha com os animais no ambiente da Caatinga, sobretudo no que diz respeito às significações imaginárias que perpassaram as práticas humanas de relacionamento com aqueles bichos.

Com efeito, identificamos por meio da análise das imagens dos animais configuradas em *Vidas Secas*, particularmente das aves de arribação, o modo como topofilia e imaginário social se entrecruzavam e permeavam a escritura literária de uma época, construindo identidades em relação ao homem e ao espaço representados. Deste modo, sobressai-se a importância da obra de Graciliano por chamar atenção para a realidade que caracterizava a vida social no ambiente semiárido da época, delineando para ela perspectivas de dias melhores, por meio de um projeto de Nação baseado na concepção política dos comunistas que, nos anos 1930, acreditavam na construção de uma sociedade mais justa e igualitária para o país.

É possível perceber como os sentidos e sentimentos que mediavam as interações das personagens representadas em *Vidas Secas* com os animais da Caatinga, em geral, tinham como principal referência as cartografias topofílicas historicamente construídas no Semiárido, o desejo dos sertanejos de permanecerem vinculados àquela terra, sem necessidade de abandoná-la durante os períodos de estiagem. Neste sentido, observa-se que mesmo com todas as dificuldades de convivência do ser humano com o ambiente de semiaridez, persistia até o limite das suas possibilidades em se manter preso à terra, buscando extrair dela o seu sustento, construindo fortes laços de apego ao lugar onde vivia. Pode-se afirmar que mesmo quando os sertanejos representados em *Vidas Secas* migraram da Caatinga para outros lugares por conta da chegada da estiagem, não mantinham sentimentos topofóbicos com aquele lugar, mas continuavam amando-o e carregavam consigo sentimentos topofílicos de amor e de apego à terra sertaneja²⁸.

A análise da obra *Vidas Secas* forneceu-nos importantes conhecimentos, ao longo deste trabalho, por meio de suas representações da simbiose entre ser humano e Natureza, para refletirmos e problematizarmos sobre aspectos da história, da cultura e do imaginário da região semiárida brasileira, revisitando-a e reconsiderando-a sob novos olhares. Entretanto, sabemos que muito ainda está para ser feito na historiografia no sentido de contribuir para a Caatinga ser reconhecida enquanto patrimônio histórico, cultural e natural do país. A história ambiental e a literatura desempenham importantes papéis no sentido de enfatizar as riquezas e potencialidades inerentes ao Semiárido brasileiro.

Recebido em 17 de dezembro de 2013, aprovado em 29 de abril de 2014.

28 Sobre os sentimentos de saudade e tristeza de uma família de sertanejos que deixam a sua terra, sem esperanças da chegada das chuvas e parte para a cidade de São Paulo em busca de melhores condições de vida, vislumbrado, todavia, a oportunidade de um dia retornarem à sua terra, ver o interessante poema-canção de Patativa do Assaré, *Triste Partida*. Ver: ASSARÉ, 1978.